

Psicologia antroposófica no Brasil

Adelina Rennó

Psicóloga clínica antroposófica, doutora em psicologia
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo
Endereço para correspondência: Rua Simão Álvares, 1004, Vila Madalena, São Paulo/SP
CEP 05417-020. E-mail: adelina@adelinarenno.com.br

Resumo: A psicologia antroposófica, presente há mais de oitenta anos na Europa, tem profissionais ativos no Brasil desde a década de 1970. Este artigo apresenta aspectos históricos dessa profissão e, brevemente, caracteriza a psicoterapia com essa orientação.

Palavras-chave: Psicologia antroposófica, psicoterapia.

A psicologia como profissão surgiu no início do século XX a partir dos laboratórios de estudos do comportamento humano e do espaço criado entre duas profissões muito antigas: a do médico e a do pastor religioso. Com reconhecida influência da filosofia, já nasceu plural, de acordo com a visão de ser humano que norteava cada teoria. Logo a atuação dos profissionais se expandiu, além da clínica, para escolas e instituições variadas.

No Brasil foi oficialmente reconhecida em 1961, já com um sistema de conselhos profissionais muito atuantes. A maior parte do trabalho exercido pelo psicólogo pertence a um campo multidisciplinar. O uso de instrumentos e técnicas de psicodiagnóstico, como os testes psicológicos, é exclusivo do psicólogo.

O campo que classicamente se define como sendo da prática do psicólogo está, na antroposofia, distribuído por várias atividades profissionais, cuja maioria aceita graduados em outras profissões em suas formações. Somente a formação em psicoterapia é restrita a psiquiatras e psicólogos, de acordo com os critérios definidos pelo Departamento de Psicoterapia da Seção Médica do Goetheanum. Quando exercida por psicólogos, denomina-se também psicologia clínica.

Os outros campos são: o aconselhamento e terapias breves que constituem o trabalho biográfico, a psicologia escolar, a pedagogia terapêutica, a área organizacional e do trabalho, a terapia artística, a musicoterapia, as terapias corporais como euritmia e massagem rítmica.

Psicoterapia antroposófica

A psicologia baseada na antroposofia, por

decorrência de seus pressupostos, visa promover o desenvolvimento de uma consciência ética individualizada, dentro do princípio da liberdade. Não trabalha, portanto, com hipnose, regressão ou técnicas que induzam a estados alterados de consciência. Da mesma forma o profissional, se bem formado, não deveria fazer proselitismo filosófico em seu trabalho, mas, pelo contrário, exercitar o método fenomenológico que, dentro do possível, visa 'suspender' suas referências pessoais (ou tê-las conscientes), para atuar profissionalmente. Evitam-se asserções categóricas e treina-se o profissional na arte de fazer perguntas abertas.

Adota o axioma de Steiner (Berron, 1984) que postula que o corpo deve ser objeto da higiene; à alma se aplica a educação; a individualidade deve ter o espaço da liberdade.

Embora haja diversas maneiras de exercer a psicoterapia e um consenso internacional esteja aos poucos se estabelecendo, podemos dizer que se trata de uma abordagem terapêutica cujo cerne é a relação terapeuta-paciente. Como vai se dar esse encontro, depende da idade e do diagnóstico do cliente. O diagnóstico antroposófico é uma 'leitura' que inclui, dialoga e faz uma 'tradução' do conhecimento moderno. No caso das psicopatologias, usamos o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) IV R e o Código Internacional de Doenças (CID) 10 como referência de linguagem.

Em caso de adulto, a terapia é eminentemente dialógica (Berron, 1984; Treichler, 1987), podendo abarcar trabalhos não verbais, conforme a formação complementar do terapeuta. A 'porta

de entrada' é, portanto, o eu enquanto centro da consciência e a organização anímica, sede dos afetos ou emoções. A atitude do terapeuta será mais diretiva e didática em casos de maior comprometimento psicopatológico e a atuação será conjunta com médico, massagista etc. Trata-se de um trabalho, portanto, focado nos aspectos constitucionais do paciente. Quando o caso é uma crise de desenvolvimento que resulta em transtornos de menor gravidade, o trabalho sobre a história de vida, de uma forma menos diretiva, pode ser a principal abordagem, caminhando das sensações/emoções, através da compreensão e construção de significados em direção ao sentido da doença ou crise. Busca-se alinhar desejos e aspirações através dos motivos conscientes, visando maior liberdade de decisões; caminhar, se possível, do corpo ou alma da sensação, para a alma da consciência. Dependendo, portanto, do diagnóstico e consequentes objetivos terapêuticos o psicólogo antroposófico pode adotar posturas mais ou menos diretivas, similares, em certos casos, às de uma linha cognitivo-comportamental ou, em outros, à existencial humanista. As técnicas terapêuticas utilizadas são comuns ao acervo de muitas linhas psicológicas como imaginação ativa, dramatização etc. (von der Heide, 1984; Dekkers, 2001; Lievegoed, 1999; Treichler, 1988). Em se tratando de crianças é fundamental a vivência dos ciclos da natureza. O brincar se torna o grande meio de comunicação, em diferentes níveis como corporal, estruturado, expressivo e imaginativo. O aconselhamento das pessoas envolvidas com a criança como família, escola etc. são parte necessária do processo.

Diálogo com outras teorias

A antroposofia permite pontes e diálogo com a ciência atualmente hegemônica. Assim, no campo da psicologia, ao abordarmos o corpo anímico, verificamos a validade dos conceitos behavioristas e podemos considerar certas características muito precoces ou talvez inatas do caráter. Ao considerarmos a individualidade, dialogamos com as psicologias de base humanista (como C. Rogers e V. Frankl); com algumas linhas da corrente transpessoal; com a psicologia analítica de Jung em sua abordagem do eixo ego-*self* e, de uma forma mais ampla, com o conceito de 'arquetipo' e sua expressão simbólica. A antroposofia usa os conceitos de 'somatização' e 'psiquização', que podem fazer pontes com a psicanálise. Outro conceito importante, a correspondência entre macrocosmo e microcosmo, pode dialogar com as teorias sistêmicas, holísticas, ecológicas e com os saberes tradicionais.

Este diálogo, obviamente, não implica em mera transposição de uma teoria para outra.

Histórico

A psicoterapia antroposófica foi desenvolvida após a morte de Steiner, desde a década de 1930, por grupos independentes de psiquiatras e psicólogos em diversos países, como Holanda (através do forte impulso de B. Lievegoed), Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Brasil, entre outros.

A Holanda e Alemanha contam com departamentos de psiquiatria e psicoterapia em hospitais gerais, além de clínicas psiquiátricas antroposóficas. Na Itália, os cursos profissionais são reconhecidos com finalidade de credenciamento na área de psicoterapia. Em março de 2009 o diploma do curso de aconselhamento biográfico foi reconhecido para credenciamento na Associação Britânica de Psicoterapia e Aconselhamento.

O Departamento de Psicoterapia da Seção Médica do Goetheanum fornece os parâmetros e diretrizes para essas formações. Atualmente é dirigido por Adrianus Dekkers e Henriette Dekkers, psicólogos, coordenadores há mais de 30 anos da formação na Holanda e, mais recentemente, na Itália. Na Alemanha existe um curso há mais de 20 anos. Como na última década o interesse aumentou muito, havendo demanda por formações em Israel, Rússia, Argentina, Chile (entre outros), formou-se um comitê internacional, do qual o Brasil faz parte, para organizar um currículo mínimo e outras questões, de modo a garantir a qualidade técnica e ética dessas iniciativas, preservando ao mesmo tempo as características e necessidades de cada país.

Psicologia antroposófica no Brasil

Desde a década de 1970 muitos psicólogos se interessaram pela antroposofia como complementação profissional. Em 1995, com apoio da Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, foi criado um primeiro curso de formação dirigido a psicólogos que, em dois anos, formou uma primeira turma certificada em psicologia ampliada pela antroposofia. A experiência desse curso foi relatada no Congresso Internacional para Psicoterapeutas Antroposóficos, realizado na Holanda no ano de 1997. Embora essa iniciativa não tenha tido continuidade, sua realização teve como consequência a manutenção do interesse de psicólogos clínicos por essa área de conhecimento que buscaram, a partir de então, as formações existentes nas demais áreas de terapias antroposóficas. Há, portanto, no Brasil, um número expressivo de profissionais pioneiros atuando a partir da antroposofia.

Em 2004 foi organizado um curso de aprofundamento em psicoterapia antropológica dirigido a psicólogos clínicos e a médicos (psiquiatras ou com alguma formação na área psicológica), ministrado por Adrianus Dekkers e Henriette Dekkers. Esse grupo de 35 profissionais formou-se em 2006, com o compromisso da criação de uma formação brasileira.

Em março de 2009 iniciou-se o curso de especialização *lato sensu* (reconhecido pelo Ministério da Educação) em Psicologia Clínica e Antroposofia na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, em parceria com a Associação Sophia de Educação Antropológica. Tem por objetivos contribuir para o aprimoramento dos profissionais, para organização acadêmica dessa disciplina, para a produção de trabalhos científicos, para zelar pela qualidade associada ao nome da antroposofia. Em 2011 terá início a segunda turma.

Organização

Em 2004 criou-se o GIPA (Grupo de Incentivo à Psicoterapia Antropológica), que conta com 35 membros formados no curso de aprofundamento.

O GIPA criou uma comissão de oficialização composto por Ney Álvares e Adelina Rennó. Elaborou-se, com a colaboração de Jorge Hosomi e apoio da Fundação Mahle, um dossiê que descreve a psicologia antropológica e elenca as teses acadêmicas no Brasil e a pesquisa existente, que foi entregue ao Conselho Regional de Psicologia (CRP) em 2009. A partir disso seguiram-se várias reuniões com conselheiros do CRP. Esta autora participou do grupo de trabalho do CRP denominado práticas integrativas e complementares: desafios para a psicologia, que elaborou teses para o VII Congresso Nacional de Psicologia (CNP). O CNP

Agradecimento

Aos colegas Regina Silva, Sandra Stirbulov e Moacyr Mendes de Moraes pela interlocução e sugestões.

Referências bibliográficas

- Berron J. Psychiatrie et anthroposophie. *Triades*, 31(3): 25-34, 1984.
- Dekkers A. *Psychotherapy out of anthroposophy*. In: Dekkers-Appel H, Dekkers A, Meuss AR. *Psychotherapy and humanity's struggle to endure – Anthroposophical approaches*. Dornach: Goetheanum, 2001. p. 89-96.

representa a instância máxima de deliberação na estrutura dos Conselhos Regionais e Federal de Psicologia. As teses aprovadas vão orientar a atuação de todo o sistema conselhos nos próximos três anos (2011-2013). Através de psicólogos de Minas Gerais, Paraná e São Paulo conseguiu-se aprovação da tese sobre psicologia antropológica nos Congressos Regionais desses estados. Nesse documento ela se apresenta como linha emergente e prática integrativa e complementar que requer mais espaços institucionais para se apresentar.

Mesmo que, por falta de organização suficiente dos psicólogos, desta vez nosso documento ainda não chegue à etapa final em Brasília, o processo colocou-se em movimento.

Esses fatos evidenciam a necessidade de uma organização mais efetiva desses profissionais para que no futuro se possam estabelecer critérios éticos/técnicos para as práticas e as formações; criar espaço crítico/clareza do que é psicologia antropológica; fomentar a formação continuada dos profissionais; congregar os profissionais psicólogos atuantes nas diversas áreas da antroposofia; contribuir para o desenvolvimento da identidade e visibilidade do psicólogo antropológico; desenvolver o diálogo transdisciplinar; promover fóruns, congressos, debates. No âmbito externo à antroposofia é necessário o processo de apresentação da psicologia antropológica no meio profissional (Conselho Federal de Psicologia etc.) e acadêmico; desenvolver o diálogo transdisciplinar; participar de fóruns, congressos e representar a psicologia antropológica perante CRP, Ministério da Saúde e outros.

Esperamos, com isso, que esse campo de conhecimento se torne mais conhecido em benefício dos que dele necessitam.

Lievegoed B. *O homem no limiar*. São Paulo: Editora Antropológica, 1999. p. 170-182.

Treichler R. *Biografia e psique*. São Paulo: Editora Antropológica, 1988. p. 257-286.

Treichler R. *Fundamentos de uma psiquiatria orientada pela ciência espiritual antropológica*. In: Husemann F, Wolff O. *A imagem do homem como base da arte médica*. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 1987. p. 892-905.

Von der Heide P. Les tâches d'une psychothérapie anthroposophique. *Triades*, 31(3): 35-42, 1984.